

1. Introdução

Não é difícil perceber que, hoje em dia, há em muitos campos da vida humana uma certa desorientação que provém da dissolução das formas tradicionais nas quais a vida se encontrava até então estruturada.

Os valores a serem ensinados aos jovens que parecem não ser mais possível da mesma forma como se dava “antigamente”, os rumos da política depois da queda dos regimes socialistas, a perda de confiança na capacidade da ciência de construir um mundo melhor para todos face às ameaças ecológicas e à permanência da desigualdade social, os desmascaramentos da nossa visão de mundo como imposições de uma cultura dominante sobre outras que não puderam se expressar nas mesmas condições; tudo parece nos remeter a uma espécie de dissolução do que julgávamos até então como sendo, simplesmente, “a realidade”. Será que tudo isto indica, usando um conceito clássico de Thomas Kuhn, uma mudança de paradigmas?

Certa reflexão filosófica sobre este panorama contemporâneo, à luz dos traços fundamentais da experiência moderna, permite concluir que é justamente em relação à chamada modernidade que o nosso momento atual se diferencia. De maneira geral, podemos caracterizar a modernidade como a época na qual se entendeu a realidade de uma forma puramente objetiva, a partir de leis que a regiam e que poderiam ser descobertas pela inteligência humana. Esta visão da realidade como uma estrutura na qual cada ente está relacionado aos outros por leis de causalidade e se oferece à compreensão humana na sua essência é a metafísica. As características mais próprias da modernidade, como o desenvolvimento da técnica, a produção a níveis industriais,

o grande desenvolvimento da ciência, têm uma relação estreita com a visão metafísica da realidade.

A ligação entre metafísica e técnica é feita por Heidegger, que denuncia a total planificação técnica do mundo, *Ge-Stell*, como o momento derradeiro da metafísica. Se a metafísica apresenta a realidade como algo inteligível, torna-se possível então não só conhecê-la, mas dominá-la, por meio da técnica. De conjunto de essências, o mundo torna-se um vasto depósito de matéria-prima.

Na base desta dominação técnica do mundo está a ciência que, na modernidade, era compreendida como a instância capaz de uma verdade totalmente objetiva, verificável. Ela garantiria o progresso da humanidade que, assim, seria liberta de todos os erros das tradições passadas e viveria uma nova era, graças ao revolucionário avanço científico que garantiria um mundo melhor para todos.

O progresso revela-se, desta forma, como a noção-chave para se entender o período da modernidade. Graças a ele, a história é compreendida como um contínuo avançar da técnica sobre as realidades que antes desafiavam a compreensão humana e a faziam apelar para explicações religiosas, mitológicas a respeito do mundo e de seus fenômenos. Secularização e civilização são termos que acompanham o progresso moderno.

O filósofo italiano Gianni Vattimo procura entender, primeiramente, porque esta fé inabalável no progresso como garantia de felicidade para a humanidade se esvaziou, que elementos provocaram isto e como podemos compreender esta crise da derrocada dos ideais clássicos da modernidade. Segundo ele, devido às características presentes no momento atual, não seria possível sustentar a posição de que este seria

apenas uma crise de conteúdo dos valores modernos, podendo se manter a mesma estrutura formal de compreensão da realidade presente na modernidade.

Para Vattimo, a crise atual só pode ser pensada à luz dos ideais modernos, a partir da modernidade, mas não sob a mesma perspectiva dela. Na discussão atual sobre como se deve identificar de maneira mais acertada a contemporaneidade, Vattimo opta por entendê-la como “Pós-modernidade” e não como uma “Modernidade tardia”.

A identificação dos elementos que iniciaram esta crise, as maneiras como se procura entendê-la em relação à modernidade e os argumentos de Vattimo, que o fazem optar por uma leitura pós-moderna da contemporaneidade, são os temas presentes no primeiro capítulo desta obra.

No segundo capítulo da dissertação, apresentamos a leitura vattminiana sobre o fim da modernidade. Esta leitura é realizada, principalmente, a partir da obra de dois filósofos alemães nos quais Vattimo enxerga uma profunda relação com a contemporaneidade e uma relação de congruência entre ambos: Heidegger e Nietzsche. Tal leitura tem como fio condutor central o niilismo, entendido como um destino de dissolução, de enfraquecimento.

O niilismo não é, na concepção de Vattimo, apenas uma perspectiva pela qual se possa narrar um evento como o do fim da modernidade, mas por meio deste, podemos perceber que novas possibilidades se fundam no momento em que a realidade deixa de ser uma objetividade coercitiva e é entendida como uma interpretação dentre outras possíveis. É da possibilidade de uma verdadeira nova ontologia hermenêutica tornada possível pela leitura niilista da modernidade que trata o capítulo terceiro.

O capítulo quatro pretende ser uma reflexão geral sobre as atitudes possíveis frente a temas como a ética e a religião nesta nova ontologia da contemporaneidade proposta por Vattimo. Que implicações uma visão que entende como irrenunciável a dimensão interpretativa de toda experiência do real pode ter sobre estes temas e como tratá-los, já que se configuram nos nossos dias como urgentes, tanto por causa de uma apregoada “crise ética” em muitos níveis e de diversas formas quanto pelo espantoso renascimento da religião? O que estes fenômenos têm a ver com o fim da modernidade? É o que o último capítulo da nossa dissertação se propõe não a responder, mas, pelo menos, a indicar possíveis leituras.